

CULTOS POPULARES, SABÁS E PERSEGUIÇÕES

META

Apresentar aspectos da crença na bruxaria, ressaltando o tratamento dispensado aos acusados pela Inquisição na Idade Moderna.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar os principais traços que caracterizam a bruxaria e feitiçaria na Europa Moderna;

perceber a ligação entre as idéias sobre bruxas e o raio de ação da Inquisição;

apreender o objetivo da tortura num processo inquisitorial.

PRÉ-REQUISITOS

Leituras da aula sobre Contra-Reforma. Noções sobre crença popular.



Cena do filme *As bruxas de Salém*. “Bruxas de Salém” refere-se ao episódio gerado pela superstição e pela credulidade que levaram, na América do Norte, aos últimos julgamentos por bruxaria na pequena povoação de Salém, Massachusetts, em outubro de 1692.

(Fonte: <http://daemonologia.files.wordpress.com>).

INTRODUÇÃO

Eleituário

Trata-se de uma forma farmacêutica, um a “pasta de mel ou xarope com drogas calmantes, purgativas ou outras atividades”. Cf. Dicionário Médico. Disponível em: <http://www.clique-saude.com.br/Dicionario-Medico/electuario/0/3713/glossario/e/> acesso em 20 out.2009.

Começamos esta aula com uma receita do século XIII para tratar amigdalites. A maneira de prepará-la é a seguinte:

Dá-se de comer tremoços a um jovem de bom temperamento e em perfeita saúde, durante três dias, com pão bem assado, com um pouco de fermento e sal; para beber, só lhe daremos vinho pouco tinto, sem lhe dar outra coisa do que o que acabamos de dizer. Será preciso rejeitar como inúteis os excrementos que fará no primeiro dia. Os que fará nos dois dias seguintes serão coletados e conservados cuidadosamente, depois serão misturados com a mesma quantidade de mel, e lhe daremos de beber um **eleituário**. (SALLAMANN, 2003, p.177).

A heterodoxa receita (pelo menos, aos nossos tempos) está na obra *Liber Secretorum Alberti Magni de virtutibus herbarum, lapidum et animalium quorundam*, de autoria atribuída ao teólogo, alquimista e filósofo alemão Albert Le Grand (Albrecht von Bollstädt, nascido entre 1193 e 1206, falecido em 1280). Sua versão inicial começou a circular por volta de 1245. O livro é uma coletânea de práticas populares sobre como se proteger de males, realizar curas e ajudar pessoas. Através dele observamos as respostas da gente comum aos desafios da vida.

Nas aulas anteriores, falamos da Idade Moderna como tempos de ascensão do racionalismo, Era das Luzes, da **Revolução Científica** e do Renascimento. Tempo de questionamentos aos dogmas da Igreja Católica, de surgimento de novas doutrinas e de recrudescimento da intolerância religiosa. Mas não só. Precisamos abrir os olhos para outros aspectos inerentes a este tempo, entender e reforçar que este período que se estende dos fins da chamada Idade Média até os gritos e tumultos que levam à Revolução Francesa não foi um domínio absoluto de letrados.

Revolução Científica - Se no século XVI a leitura tradicional do cosmos, baseada em Aristóteles, considera-o finito e geocêntrico, no século XVII ele é entendido como infinito e heliocêntrico. Graças às descobertas da Revolução Científica, a pluralidade de mundos deixa o firmamento imperfeito, havendo a destruição do ponto de vista renascentista da correspondência entre eventos terrestres e os astros. Uma triste concepção ganha espaço: o fim da idéia do homem como dono de uma posição singular no universo. Outros mundos habitados passam a ser considerados já no século XVII. Graças aos avanços propiciados pelos estudos de Nicolau Copérnico, Francis Bacon, Galileu e J.Kepler e Isaac Newton, o papel e a concepção de homem se alteraram. Houve uma inegável ampliação da crença na ciência e na capacidade humana. Mesmo no caso de uma personagem

impulsiva como Galileu, seus debates diante da Igreja demonstraram o esforço pela independência do conhecimento natural frente ao controle teológico e, ao mesmo tempo, a afirmação da integridade e da autoridade dos métodos científicos. Embates como este consolidaram a prática da ciência como uma atividade progressista e secular, teologicamente neutra. Sobre isto ver: HARMAN, P.M. *A Revolução Científica*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

Como viviam as classes populares, os setores mais humildes? Quais os problemas que eles enfrentavam no seu dia a dia? Como se divertiam? Como se curavam? Em que medida as mudanças no universo dos letrados alterava as suas vidas? Claro, uma tentativa de traçar um panorama sobre este aspecto da história moderna exigiria muito mais tempo e leituras, pois não tratamos de uma, mas de múltiplas realidades. Aquilo que se viveu na Itália não foi, necessariamente, o que se experimentou na França, por exemplo.

Paralelamente às conquistas e tropeços das sociedades que produziam avanços científicos, revoluções políticas, literárias, artísticas, religiosas, podemos perceber movimentações instigantes em camadas distantes das intrigas palacianas e dos tratados científicos. Como escreveu Laura de Mello e Souza:

Ciência e Razão eram apenas uma face de realidade bem mais complexa. Enquanto as elites redescobriam Aristóteles ou discutiam Platão na Academia florentina, de Lourenço de Médicis, a quase totalidade da população européia continuava analfabeta. Praticamente alheia à matematização do tempo, tinha seu trabalho regido ainda pelos galos e pelos sinos (SOUZA, 1987, p.6).

E para esta gente simples, atenta às mudanças do clima, aos sinais da natureza, duas entidades eram fundamentais: Deus e o Diabo. Onipresentes na vida *cotidiana*, ambos eram pontos que tocavam os pobres e os ricos, reis e camponeses. Aliás, a existência do Diabo – voltamos a Laura de Mello e Souza – possuía uma credibilidade respeitável. Era algo bem mais fácil de ser aceito do que a possível órbita da Terra em relação ao Sol. Sabe-se inclusive que “Martinho Lutero, o Reformador, tinha a convicção de que o Demônio se deitava regularmente entre ele e sua mulher” (SOUZA, 1987, p.8).

Esta crença num duelo entre o bem e o mal, entre o divino e o maligno, alimentou diversas interpretações. A mais terrível delas provavelmente foi aquela estabelecida pelo Tribunal do Santo Ofício, que promoveu uma verdadeira guerra contra as emissárias do Diabo, e escrevemos no feminino porque eram costumeiramente as mulheres as acusadas. Eram elas as feiticieras e, principalmente, as bruxas.



O Cavaleiro, o Diabo e a Morte (1513). O artista alemão Albrecht Dürer (1471-1528) coloca as forças malignas como companheiras cotidianas do guerreiro.

(Fonte: <http://www.fromoldbooks.org>).



O diabo desrespeita uma mulher frívola. *Malleus Maleficarum*.
(Fonte: <http://www.sacred-texts.com>).



Ilustração do *Martelo das Bruxas*. O diabo zoomórfico e uma amante bruxa aparecem em ilustrações do manual de trabalho dos inquisidores.
(Fonte: <http://history.howstuffworks.com>).



A Inquisição em ação tortura um suspeito de heresia.
(Fonte: <http://www.lsg.musin.de>).

Havia uma diferença entre as duas, embora em determinados idiomas os termos apareçam como sinônimos. Enquanto a feiticeira age individualmente, ainda que com objetivos maléficos, a bruxa pertence a uma seita demoníaca. Ela se unia a Lúcifer através de um pacto, firmado nos sabás, festas demoníacas nas quais se dançava, se bebia, participava-se de orgias sexuais, cuspiam-se em imagens de Cristo, pisava-se na Cruz, renegava-se o Salvador. Enquanto a feiticeira poderia provocar o mal, isto é, enquanto esta era uma mulher capaz de realizar práticas que trouxessem o mal, a bruxa era alguém de quem o mal irradiava. Ela própria, pela aliança firmada com Satã, era fonte do mal (Cf. SOUZA, 1987, p.59-60).

A predisposição feminina era explicada pelo fato de que as mulheres eram as mais “suspeitas de conhecer as receitas para enfeitiçar”, sobretudo as mais pobres e idosas. As mulheres eram consideradas donas de uma natureza “mais sensível às ilusões diabólicas do que o outro (sexo)” (SALMANN, 2002, p.55). E assim, apontadas como principais inimigas da fé cristã, causadoras de problemas nas aldeias, nas cidades, nos casamentos e na saúde das pessoas, as bruxas encontraram suplícios diversos através das ações da Inquisição. Observa-se um importante deslizamento na concepção das bruxas entre o Medieval e a Idade Moderna. Ao atacar as feiticeiras na Idade Média, a Igreja não via nelas a fonte do mal, mas buscava combater resquícios pagãos, superstições, atos condenáveis. Não havia uma associação imediata com a heresia.

Aliás, a Inquisição, ao ser retomada, trouxe à tona uma literatura estabelecida ainda no século XIV que instrumentalizou a caçada às bruxas. O tratado *Malleus Maleficarum*, escrito por Henry Institoris e Jacques Sprenger, traduzido como *O Martelo das Bruxas*, impresso em Estrasburgo, em 1486, foi a primeira obra moderna a tratar da bruxaria. Outro escrito importante foi o *Manual do Inquisidor*, de 1376, de Nicolau Emérico. O livro “propiciava ao clero o instrumental teórico necessário à perseguição das discípulas de satã” (SOUZA, 1987, p.27). E no olho do furacão da Contra-Reforma, a perseguição a todos os tipos de hereges ampliou os usos desta obra nos expedientes da Inquisição – sobretudo nos países ibéricos e na Itália – durante os processos movidos pelo Santo Ofício.

Porém, é importante que se entenda que a Inquisição não foi reconhecida juridicamente e os tribunais diocesanos foram gradativamente desprovidos de poder. Segundo Jean-Michel Sallmann, “na época moderna, a grande caça aos bruxos é conduzida por tribunais laicos” (SALLMANN, 2002, p.40). O mesmo historiador explica que: “em toda parte em que a caça aos bruxos ficou famosa por

seu vigor, deve ser citada somente a responsabilidade dos tribunais superiores senhoriais ou principescos” (SALLMANN, 2002, p.41).

Como explica Sallmann, “no fim do século XV e no começo do XVI, o número de vítimas foi relativamente limitado e os tribunais inquisitoriais conduziram a caça. Um século depois, os tribunais civis assumiram o controle da repressão e a levaram a um nível de severidade até então inusitado” (SALLMANN, 2002, p.36). Mesmo variando em sua influência de país para país, a caça às bruxas declarada pela Inquisição fez vítimas pela Europa. Entre tribunais marcadamente laicos e religiosos, homens e mulheres acabaram mortos, sobretudo no período que vai de 1560 a 1630. Entre 1561 e 1570, foram aproximadamente 3229 execuções na Alemanha; ao menos 2000 mortes na França (região da Lorena); na Suíça, entre os séculos XIV e XVII, foram aproximadamente 5417 execuções (Cf. SOUZA, 1987).

O aparelho judiciário montado para perseguir aos hereges era temido e dava razões para isto. Como a confissão era imprescindível para que as penas fossem aplicadas no Antigo Regime, os interrogatórios ocorriam sob um forte clima de intimidação. A possibilidade da **tortura** não era pequena, e o depoente sabia disto. Os inquisidores eram instruídos para deixar isto claro, insinuando o risco de suplícios, da morte e da perdição da alma. A “pedagogia do medo” imposta pela Inquisição possuía dois alvos privilegiados: além da já mencionada bruxa, havia o judeu. Diferente da bruxa, perseguida por questões de fé, por emanar o mal, o judeu é alvo por questão de sangue, por “falta de limpeza de sangue” (TREVOR-ROPER Apud BERUTTI, FARIA, MARQUES, 2003, 158). Como escreveu Trevor-Roper:

Nos períodos de intolerância, e de introversão, a sociedade cristã, tal como qualquer outra sociedade, procura bodes expiatórios. O judeu e a bruxa prestam-se igualmente para desempenhar esse papel, mas a sociedade decide-se pelo que está mais à mão. Os dominicanos, uma ordem internacional, odeiam-nos a ambos; mas enquanto nos Alpes e nos Pirineus perseguem as bruxas, em Espanha concentram-se nos judeus. O que não quer dizer que não haja bruxas em Espanha (...) Os inquisidores espanhóis tinham muitos judeus e mouros com que se ocupar e pouco tempo lhes sobrava para as bruxas (TREVOR-ROPER Apud BERUTTI, FARIA, MARQUES, 2003, p.158).

O que se percebe é que os inquisidores, na ânsia em punir os hereges, acabavam reduzindo todas as informações que os acusados forneciam durante os seus depoimentos a peças de um quebra-cabeça que eles já conheciam previamente. A imagem a ser obtida era a do sabá. Para Carlo Ginzburg, a festa pode ser apresentada, em seus aspectos básicos, da seguinte maneira:

Bruxas e feiticeiros reuniam-se à noite, geralmente em lugares solitários, no campo ou na montanha. Às vezes, chegavam voando, depois de ter untado

Tortura

A Prova da Água. Entre os expedientes utilizados para identificar se a pessoa era mesmo uma bruxa, a “prova da água” era a mais comum, sendo aceita, inclusive, pelos tribunais. Mas o que era isto? Segundo Jean-Michel Sallmann, “consistia em mergulhar a suposta bruxa na água de um rio, de um charco ou de um canal, muitas vezes lastrada de uma pedra pesada”. Se a suposta bruxa flutuasse, o “Coisa Ruim” não teria pretendido que uma de suas adoradoras morresse. Assim, explica Sallmann, “era gerada a prova de comércio diabólico, e a bruxa executada imediatamente. Porém, se ela afundasse, seria considerada inocente” (SALLMANN, J.M. As bruxas: noivas de Satã. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.p.64). IMAGEM 5 Na ilustração, a anabatista Maria von Monjou é preparada para o afogamento em 1552.

Unguentos

Conforme Margaret Murray (1863-1963), conhecida pesquisadora britânica do assunto, um contemporâneo do século XVI informou que “a gordura de crianças ou de jovens era o líquido que usavam para misturá-los em um recipiente, separando dali a parte mais grossa que ficava no fundo da água fervente, e guardavam essas partes para quando chegasse um momento oportuno de ser usado”. Entre os ingredientes mencionados, estava “o sangue de um rato que servia como filtro, solanum somniferum e óleo. Elas mexiam todos os ingredientes e passavam por todas as partes de seus corpos com abundância até ficarem vermelhos e se sentirem bastante quentes; então, com os poros começando a se abrir, suas peles começavam a sorver o líquido e ficar mais leve. Elas faziam aquela poção com seus rituais específicos que, como resultado, as faziam, nas noites de luar, serem levadas pelos ares”. MURRAY, Margaret. O culto das bruxas na Europa ocidental. São Paulo: Madras, 2003.p.90

o corpo com unguentos, montando bastões ou cabos de vassouras; em outras ocasiões, apareciam em garupas de animais ou transformados eles próprios em bichos. Os que vinham pela primeira vez deviam renunciar à fé cristã, profanar os sacramentos e render homenagem ao diabo, presente sob a forma humana (ou mais freqüentemente) como animal ou semi-animal. Seguiam-se banquetes, danças, orgias sexuais. Antes de voltar para casa, bruxas e feiticeiros recebiam unguentos maléficos, produzidos com gordura de criança e outros ingredientes (GINZBURG, 2001. p.9).

CONCLUSÃO

Assim, encontrando os ingredientes acima mencionados – **unguentos**, vassouras, zoomorfismos, profanações, banquetes, orgias sexuais, danças – nas falas de depoentes desesperados, os tribunais da Inquisição ajudaram a estabelecer estereótipos sobre as bruxas e mesmo sobre os judeus. Um destes rótulos sociais, a capacidade mencionada por Ginzburg de bruxas e feiticeiros em se apresentarem aos sabás “transformados eles próprios em bichos”, fazia com que, na França, os camponeses chutassem os gatos que cruzavam seus caminhos à noite. Segundo Robert Darnton, “descobrimos, no dia seguinte, que as machucaduras haviam aparecido em mulheres que se acreditavam serem bruxas” (DARNTON, 2006, p.125). Desta maneira, se reforçava a tradição oral e mantinha-se aberto o caminho para suspeitas e denúncias. Resultante deste esforço da Inquisição na redução de cultos populares ao sabá é o nosso desconhecimento sobre diversos aspectos da vida dos analfabetos, da gente do campo, dos mais humildes na Idade Moderna. Outro desdobramento disto é a permanência de representações de bruxas como aliadas e como amantes do Diabo .



As referências a relações sexuais entre Satanás e suas adoradoras permanecem constantes mesmo após o fim da caça perseguição às bruxas. Esta ilustração do século XIX exemplifica tal perenidade. Les diables de lithographies detalhes de Eugène Modeste Edmond Le Poitevin, 1832. (Fonte: <http://gehspace.com>).



Les diables de lithographies detalhes de Eugène Modeste Edmond Le Poitevin, 1832. (Fonte: <http://gehspace.com>).

RESUMO

Durante a Idade Moderna ocorrem várias mudanças, mas o período também reflete algumas permanências. A crença nos poderes sobrenaturais e malignos foi encarado como um entrave à fé católica. O Diabo era uma figura popular tanto no imaginário dos homens mais ricos, quanto dos mais humildes. Com a justificativa de que precisava combater a presença do mal aqui na terra a Inquisição prendia, julgava, torturava e matava em nome da Santa Sé. A caçada às bruxas, feiticeiras e hereges envolvia um processo aterrorizante. Para obter a confissão dos acusados, os inquisidores lançavam mão de um arsenal de objetos e aparelhos desenvolvidos especificamente para causar dor ao corpo humano.



ATIVIDADES

A partir do que foi visto nesta aula, descreva como ocorria o sabá e quem se envolvia com este ritual. Depois pesquise em jornais e revistas recentes notícias sobre bruxaria nos últimos anos. Compare os rituais descritos e confronte-os ao sabá. Procure perceber quem são os envolvidos em ambas as situações (homens, mulheres, crianças, seres sobrenaturais, animais). Até que ponto nossos “bruxos” atuais acompanham os modelos impostos pela Inquisição?



COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

A Idade Moderna foi um período de afirmação da ciência, mas também de reafirmação do poder da Igreja Católica. Através da perseguição aos dissidentes da fé cristã, a instituição religiosa batia de frente com costumes populares de cura muito difundidos nas cidades e vilas e que passaram a ser interpretados como prática de bruxaria. Em pleno século XXI ainda vivenciamos histórias que relatam a existência de bruxas e rituais sabáticos.

AUTOAVALIAÇÃO

Esta atividade exigirá do aluno uma análise sintética sobre o que foi visto na aula, mas também o exercício de lidar com informações de jornais e revistas. Embora a atividade proponha a busca de fontes contemporâneas, o objetivo é que o aluno perceba como há uma construção específica dos tipos que se dizem pertencentes a determinados grupos. No caso da bruxaria, podem-se destacar elementos como rituais de sacrifício, porções mágicas a base de ingredientes inusitados, por exemplo.



FILMOGRAFIA INDICADA



Capa do DVD do filme *As bruxas de Salém*.
(Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>).

Hytner, Nicholas. *As bruxas de Salém*. Estados Unidos, 1996, 123 min. Sinopse: Em 1692 um grupo de garotas de Salém, Massachusetts, foi surpreendido num ritual demoníaco. A comunidade instaura um processo para apurar o que aconteceu e as jovens apontam desafetos como as verdadeiras bruxas. Observações: O filme apresenta os aspectos mais comuns num processo de perseguição às bruxas. Identificado o possível foco de bruxaria em Salém, o local recebe a visita de um especialista que consulta livros sobre o tema. Apesar de não mostrar tortura física, o filme elucida os momentos da denúncia, tomada de depoimentos, prisão e execução de alguns possíveis servos de Satã na Terra.

REFERÊNCIA

- BERUTTI, Flávio, FARIA, Ricardo, MARQUES, Adhemar. Mentalidades e Cotidiano. In: *História Moderna através de textos*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção textos e documentos, 3).p.143-165
- DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Severin. In: *O Grande Massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 5 ed. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p.102-139.
- GINZBURG, C. *História Noturna: decifrando o Sabá*. 2ed. São Paulo:Cia da Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *As Batalhas Noturnas*. In: *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. 2 ed. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia da Letras, 1988.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. 3 ed. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia da Letras, 2003.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MURRAY, Margaret. *O culto das bruxas na Europa ocidental*. São Paulo: Madras, 2003.p.90
- SALLMANN, J.M. *As bruxas: noivas de Satã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- SOUZA, Laura de Mello e. *A feitiçaria na Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1987.